



Cinquenta Tons Eternos

Laura Vidaurreta

Capítulo 35

Laura Vidaurreta

Mesmo embalada nos braços de Christian, Anastasia treme de frio. O vento gelado de fim de tarde, junto com o corpo e as roupas molhadas castigam Christian, Ana e Elliot.

- Você está tremendo. – diz Christian, abraçando Ana ainda mais apertado.

- Você também. – ela responde.

- Vocês estão bem? – pergunta Elliot.

- Estamos, graças a você. – diz Christian, olhando para o irmão com carinho.

- Estou ouvindo passos. Acho que tem alguém se aproximando. – diz Ana, deixando os dois Greys em estado de alerta.

Apenas quando a figura de Taylor, correndo a passos largos, se aproxima é que o trio relaxa.

- Senhor, o que houve? Vocês estão bem?

- Foi o Lincoln, Taylor! Esse tempo todo. – diz Christian, levantando-se e ajudando Ana a ficar de pé.

- Lincoln Timber?

- Eu o vi correndo para o outro lado. – diz Elliot.

- Nós precisamos encontrá-lo. Ele não pode ter ido muito longe.

- Sim, senhor! – Taylor se prepara para correr, quando Christian o impede.

- Taylor, espere! Onde está o Sawyer?

- Ele estava com uma das equipes, do outro lado da cidade, mas já está a caminho.

- Ligue para ele, mande-o ir para o hospital. – ele diz. E se vira para o irmão. – Elliot, leve a Ana para o hospital.

- O que? Não! – Ana protesta.

- Ana, não discuta comigo.

- Mas e você? – pergunta Elliot.

- Eu vou atrás do Linc.

- Não, Christian! Por favor, não me deixe. – ela se agarra ao braço do marido.

- Mano, você precisa ir para o hospital também. Você se afogou. Não estava respirando até poucos minutos atrás.

- Eu estou bem. Por favor, leva a Ana. Agora! – Christian tenta se desvencilhar de Ana.

- Eu não vou sem você.

- Ana, vá!

- Não, Christian! Por favor. Por favor, eu não quero ir sem você. – pede Ana, em lágrimas.

- Ana, eu preciso ir atrás do Linc. Eu não posso deixá-lo fugir. Eu encontro com você no hospital.

- Não.

- Christian... – Elliot tenta interceder.

- Elliot, por favor, leve-a! Fique com ela. Não saia de perto dela. Por favor! Eu só confio em você para cuidar da Ana. Não saia de perto dela até o Sawyer chegar.

- Christian, não! – Ana está aos prantos.

- Por favor, vá! – Christian consegue se soltar e parte junto com Taylor. – Vá!

- Christian! – Ana grita, mas Christian e Taylor já não estão mais a vista. Desolada, Ana afunda o rosto no peito de Elliot.

- Shhhh, está tudo bem, Ana. Ele vai ficar bem. – ele a abraça e esfrega suas costas, tentando acalmá-la. – Venha, eu vou levá-la para o hospital.

Mesmo a contra gosto, Ana deixa Elliot guiá-la para o carro. Nas últimas 48 horas, Ana viveu seu pior pesadelo. Mas estar em poder de Linc por dois dias não foi nada comparado aos últimos minutos. A sensação da água subindo e invadindo o carro, o ar acabando, a certeza de morte. E quando ela achou que nada poderia ficar pior, Elliot surge com Christian, sem vida, de dentro da água. Ana não sabe por quanto tempo Christian ficou sem respirar, mas ela tinha certeza de que ele voltaria para ela. E depois de todo esse inferno, a única coisa que ela queria era estar com seu marido e sua filha. Mas ela sabe que, enquanto Linc estiver solto, Christian não vai descansar. Então ela segue, resignada, na companhia de Elliot.

No hospital, o médico termina de suturar o braço ferido de Ana, sob o olhar atento de Elliot.

- Pronto, Sra. Grey. Foram 6 pontos, eu fiz o meu melhor para não deixar uma cicatriz.

- Muito obrigada, Dr. Wesley.

- A senhora vai precisar ficar no soro por algumas horas, por conta da desidratação.

- Desidratação? Meio irônico, depois de toda aquela água, não é? – diz Elliot, rindo. Dr. Wesley e Ana o olham. – Me desculpem, eu costumo fazer piadas ruins quando estou nervoso.

- Não foi tão ruim assim. – diz Ana, liberando uma risada tímida.

- Bem, Sra. Grey, me chame se precisar de alguma coisa.

- Obrigada.

- Obrigado, doutor. E desculpe pela piada. – diz Elliot, enquanto o médico sai.

- Eu não acho que ele tenha senso de humor. – diz Ana.

- Ou o meu que anda meio distorcido. – Elliot senta-se na cama, ao lado de Ana. – Como você está?

- Eu estou bem, eu acho. Eu não sei. – ela suspira. – Na verdade, eu estou surpresa por você ter conseguido manter a Kate longe daqui.

- É, não foi fácil! Mas eu tenho meus poderes. E fiz alguns acordos. – ele diz, piscando, e arrancando um sorriso de Ana.

- Ok, eu não quero saber detalhes. – ela diz, erguendo as mãos. Os dois riem.

- Mas é sério, como você está? – ele pergunta, carinhoso.

- Eu me sinto presa num filme de terror. Eu me sinto... desamparada.

- Não se sinta assim. Nós estamos aqui, Ana. Nós somos sua família agora. Você e o Christian têm um monte de gente que ama vocês e vai fazer de tudo para protegê-los. Vocês não estão sozinhos.

- Eu sei. Obrigada. – ela diz. Ela segura a mão do cunhado. – E obrigada, por salvar a minha vida. E a vida do Christian.

- Imagina, é pra isso que cunhados e irmãos mais velhos servem. – diz ele, rindo, tentando disfarçar a emoção.

- Eu sei que eu não digo isso com a frequência que deveria, mas você é como um irmão pra mim. Eu amo você, de verdade. – ela diz, emocionada.

- Eu também amo você, Ana. Você também é como uma irmã pra mim. Pensando bem, acho que vou trocar você pela Mia. Acha que seus pais topam? – ele brinca, descontraindo o ambiente.

- Você não faria isso. – diz Ana, dando-lhe um tapa no braço e rindo.

- É, você tem razão. A propósito, ela também está bem preocupada com você. Bem, acho que “histérica” seria a palavra mais apropriada. – ele diz. A conversa é interrompida por batidas na porta.

- Com licença, Sra. Grey. – diz Sawyer, entrando no quarto.

- Entre, Sawyer.

- Eu já avisei aos seus pais que a senhora está a salvo. Eles estão vindo para cá, para vê-la.

- Obrigada!

- Sra. Grey, a senhora me permite uma conversa? – pergunta o segurando, parecendo incomodado.

- Claro.

- Bem, eu vou lá fora, ligar para as garotas, avisando que tudo está sob controle. Eu já volto. – diz Elliot, deixando Ana e Sawyer a sós.

- Sobre o que você quer conversar? – pergunta Ana.

- Eu gostaria de informá-la que, assim que retornarmos para Seattle, eu entregarei a minha demissão para o Sr. Grey. – diz Sawyer, pegando Ana de surpresa.

- O que? Por quê?

- Porque é o certo a se fazer.

- O Christian demitiu você? Ele pediu que você se demitisse?

- Não, o Sr. Grey ainda não tomou conhecimento da minha decisão.

- Eu não entendo. Por que você quer se demitir?

- Sra. Grey, eu fui contratado com a única finalidade de cuidar da sua segurança e me certificar de que nada acontecesse à senhora. E, ultimamente, eu sinto que estou falhando em minhas obrigações. Eu ficarei feliz em indicar alguém que possa me substituir com mais eficiência.

- Não, eu não quero ninguém.

- O que?

- Se você se demitir, eu não quero que ninguém ocupe o cargo.

- Eu não acho que o Sr. Grey vá concordar com essa decisão.

- Essa não é uma decisão que diga respeito a ele.

- Sra. Grey, a senhora precisa de um segurança para protegê-la.

- Eu já tenho um!

- Mas, Sra. Grey...

- Luke, me escute! Eu sei que as coisas andam bem complicadas para nós ultimamente. Nós estamos sob muito estresse, não apenas Christian e eu, mas você, o Taylor e o resto da equipe também. Esses últimos meses foram terríveis. Mas você tem que entender que você e o Taylor não são apenas funcionários, vocês são parte da família. Eu sei que o Christian não demonstra muito, mas sei que ele concorda comigo. Foi por isso que nós chamamos vocês dois no quarto da maternidade e apresentamos a Ella.

- Sra. Grey, eu entendo o que... – ele começa, mas Ana o interrompe novamente.

- Não, Luke, você não entende. Porque se você entendesse, você não estaria aqui, dizendo que vai se demitir. Perder você é como perder alguém da família, e isso eu não aceito. Não existe ninguém no mundo a quem eu confie a minha vida e a vida da minha filha, a não ser você. Por favor, não nos deixe. – ela pede. Sawyer pondera por alguns segundos, mas se dá por vencido diante do apelo de Ana.

- Tudo bem, eu vou ficar.

- Obrigada, Luke. E pare de se culpar, você sempre esteve por perto, quando eu precisei. Eu não sei o que teria feito sem você.

- Obrigado, Sra. Grey. Obrigado por... tudo. – ele diz, visivelmente comovido.

- De nada. – ela sorri.

- Se a senhora me der licença. – ele diz, se dirigindo para a porta e deixando o quarto. Sozinha, Ana se recosta na cama e tenta relaxar um pouco.

Ana só se dá conta de que cochilou, quando batidas na porta a acordam de sobressalto. Ainda abalada com o tempo no cárcere, Ana sente seu coração disparar. Mas quando seus pais entram no quarto, toda tensão se dissipa.

- Mãe! Pai! – diz ela, sentando-se na cama e abrindo os braços. Carla e Ray correm para abraçar a filha.

- Oh, meu Deus! Meu bebê! Minha filha! – Carla abraça Ana, aos prantos.

- Oh, Annie! Graças a Deus, você está bem! – diz Ray, beijando a testa da filha.

- Deixe-me olhar pra você. – diz Carla, afastando-se um pouco e examinando Ana de cima a baixo. – Você está bem? O que é isso no seu braço?

- Eu estou bem, mãe. De verdade. Foi só um arranhão, não é nada de mais.

- Você tem certeza de que está bem?

- Eu estou bem, pai. Não se preocupe.

- Ah, querida, nós ficamos com tanto medo. Nós achamos que... – Carla não consegue completar a frase.

- Mas já passou, mãe. Onde está a Ella? Eu quero ver a minha filha!

- Ela está em casa, com a Grace e o Carrick. Eles não permitem bebês no hospital. – diz Ray.

- Deus, eu estou com tanta saudade dela, que o meu peito dói.

- Eu sei, filha, mas você vai vê-la logo. – diz Carla.

- Ela está bem?

- Ela está sentindo a sua falta, e muito.

- Ela se alimentou esses dias? Como vocês fizeram?

- Nós demos a mamadeira. Ela lutou um pouco, mas acabou cedendo.

- Mamadeira? – Ana sente-se triste.

- Eu sei que você está amamentando, Ana. Mas ela não podia ficar sem comer.

- Não, mãe, vocês fizeram o certo. Eu estou sendo boba.

- Mas, filha, o que aconteceu? Como te encontraram? – pergunta Ray.

- O Christian me achou. – Ana quer poupar os pais dos detalhes. – Ele foi me resgatar. O Christian e o Elliot salvaram a minha vida.

- Ele disse que ia te encontrar. Ele disse o tempo todo, que ia te encontrar. – diz Carla.

- Ele estava devastado. Não comeu, nem dormiu durante todo esse tempo. Ele também não saiu de perto da filha, nem por um segundo.

- Christian é um pai maravilhoso. – diz Ana, com alegria.

- Ele só deixou a Ella para ir ao... – começa Carla, mas Ray pigarreia, interrompendo-a. Ana olha para os dois, confusa.

- O que? Onde o Christian foi?

- Annie, deixe isso pra lá. – Ray tenta contornar.

- Onde ele foi?

- Querida, isso não importa mais.

- Por favor, me diga, onde o Christian foi? – Ana insiste. Ray e Carla se olham. Eles sabem que não poderão esconder essa informação por muito tempo.

- Querida, saiba que nada disso tem mais importância, agora que você está em casa, sã e salva.

- Mãe, você está me assustando. Por favor, digam logo de uma vez.

- A polícia achou um corpo, com as características idênticas as suas, e o Christian precisou fazer o reconhecimento. – conta Ray.

- O que? – Ana leva as duas mãos à boca.

- Mas ele não foi ao IML sozinho. O irmão esteve com ele o tempo todo. – Carla tenta acalmá-la.

- Oh, meu Deus! Eu não acredito que ele teve que fazer isso. Ele deve ter ficado destruído.

- Ele ficou. O Elliot disse que ele passou mal no necrotério. Ele voltou pra casa acabado. Mas agora você está em casa, ele está bem e vocês vão poder esquecer esse inferno. – diz Carla, abraçando a filha. Ana retribui o abraço. Sua cabeça ferve, pensando em como o lado emocional de Christian deve estar abalado.

Conforme a noite vai entrando, Ana começa a ficar angustiada por não ter notícias de Christian. Aflita, ela anda de um lado ao outro do quarto, sob os olhares atentos de Carla e Ray.

- Ana, por que você está tão nervosa? – pergunta Carla.

- O Christian disse que ia procurar uma pista sobre o homem que me sequestrou e depois vinha me encontrar aqui, mas até agora não chegou. Nenhuma notícia, nada.

- Annie, eu tenho certeza de que ele está bem. Ele está com o segurança, certo?

- Sim, está.

- Então, não tem nada com que se preocupar.

- Eu não sei. Ele estava muito nervoso, eu tenho medo de que ele faça alguma besteira.

- Filha, por mais furioso que o Christian esteja, ele sabe que tem esposa e filha que dependem dele.

- Eu espero que esteja certa, mãe. – diz Ana, no momento em que o médico entra no quarto.

- Sra. Grey, eu recebi os últimos resultados dos seus exames, e está tudo perfeito. Nós já podemos liberá-la. – ele diz, sorrindo.

- Ela pode ir pra casa? – pergunta Carla.

- Sim! Eu só vou dar baixa na papelada, mas a senhora já pode ir pra casa. – diz o médico, saindo em seguida.

- Isso é ótimo, Annie! – Ray abraça a filha. Elliot entra no quarto.

- Ana, eu acabei de falar com o seu médico, ele disse que você recebeu alta. Eu falei com o Sawyer, ele já foi buscar o carro.

- Mas e o Christian? Ele disse que me encontraria no hospital.

- Nós avisaremos a ele, não se preocupe. – diz Elliot.

- Vamos, filha! Vamos pra casa. – diz Carla, pegando as coisas de Ana.

Ana não consegue segurar a ansiedade, conforme vai se aproximando da casa dos pais. A saudade que sente de Ella é tão grande, que sufoca seu peito. Ela quer ter a filha nos braços logo e não largá-la nunca mais. Assim que o carro estaciona, Ana vê Grace saindo da casa e correndo em sua direção. Ana abre os braços e recebe o abraço carinhoso da sogra.

- Ana, querida! Graças a Deus! Graças a Deus, você está bem! Eu rezei tanto para que você voltasse para casa, sã e salva.

- Obrigada, Grace! Muito obrigada.

- Ana, tem alguém aqui que está louca para te ver. – Ana ouve a voz de Carrick. Tirando o rosto do ombro de Grace, Ana vê o sogro com Ella nos braços. – Olhe, Ella, a mamãe está aqui.

Os olhos de Ana se enchem de lágrimas na medida em que seu coração dispara. Ela caminha em direção à filha que, ao ver a mãe, bate palmas e grita de alegria.

- Oi, filha! Oi, meu amor. – diz Ana, pegando a menina no colo e a abraçando. – Oh, meu Deus, a mamãe sentiu tanto a sua falta. Nossa, que saudades do meu bebê. A mamãe nunca, nunca mais, vai te deixar. Eu te amo, Ella! Eu te amo demais, filha.

- Mama. – balbucia a menina, deixando todos emocionados.

- Oh, meu amor! Você disse “mama”! Você fez a mamãe muito feliz, filha. – Ana chora, agarrada a filha.

Carrick dá um abraço na nora, lhe beija na testa e a conduz para dentro de casa.

Dentro da casa, Ana fica surpresa ao encontrar Flynn.

- John, o que está fazendo aqui? – ela pergunta, espantada. Flynn a abraça.

- Ana, é muito bom te ver bem e de volta à sua família.

- Obrigada.

- E respondendo a sua pergunta, eu vim dar um suporte para toda família.

- Entendo. Já que você está aqui, se importa se conversarmos?

- Claro que não.

- Mãe, você pode ficar com a Ella por alguns minutos?

- Claro, meu anjo! – Carla pega a neta no colo. Ana e Flynn sobem para o quarto.

Assim que Flynn entra no cômodo, Ana fecha a porta atrás de si. Ela abaixa a cabeça e respira fundo.

- Como ele está? – ela pergunta.
- Christian?
- Sim.
- Eu achei que você quisesse conversar sobre o que aconteceu com você.
- Eu quero, mas preciso saber como o Christian está.
- Como você imagina que ele esteja?
- Eu acho que ele se sente culpado.
- Você acha que a culpa é dele?
- Não, claro que não! Por favor, John, me diga! Como ele está?
- Ele não está bem. Ana, você quer conversar sobre o que aconteceu? A pessoa que estava com você...
- Lincoln Timber. – diz Ana, interrompendo John. Ele se espanta.
- O ex-marido de Elena Lincoln?
- Ele mesmo.
- Nossa! Você acha que tem alguma coisa a ver com ela?
- Tem tudo a ver com ela. Ele odeia o Christian e quer vingança. Mas se você está me perguntando se eu acho que ela está envolvida, não! Eu não acho que ela esteja envolvida. O Linc quer torturar o Christian até matá-lo, e a Elena, do jeito distorcido e doentio dela, o ama. Ela nunca faria nada para feri-lo desse jeito.
- Ana, esse homem encostou em você?
- Não, ele se abusou de mim, se é isso que quer saber.
- O que está te angustiando?
- John, eu preciso te fazer uma pergunta, mas você tem que me prometer que isso não sairá daqui.
- É claro que não sairá, Ana.
- E eu preciso que você prometa que, dependendo da sua resposta, você não tomará nenhuma providência sem me consultar.
- Eu estou ficando preocupado. Por favor, fale logo.
- Ok! – ela respira fundo e anda pelo quarto, aflita. – John, o Christian já teve tendências suicidas?
- O que?
- Em algum momento, durante todo esse tempo em que você o trata, ela já demonstrou alguma propensão ao suicídio?
- Não, nunca! O Christian sempre teve uma imagem muito negativa de si mesmo e costumava se torturar psicologicamente por isso, mas ele nunca demonstrou qualquer sinal de que pudesse atentar contra a própria vida. Ana, nem quando você o deixou, ele se mostrou um perigo para si mesmo. Por que está me perguntando isso?
- Eu não sei, John! Pode ser loucura da minha cabeça, mas eu precisava saber.
- O que aconteceu lá, Ana?
- O Linc me amarrou em um carro, que estava preso em um guindaste. Enquanto eu estava presa no carro, o Linc manteve o Christian sob a mira de uma pistola o tempo todo. Ele disse muitas coisas, mas eu não pude ouvir nada, por causa da distância. Ele, inclusive, mostrou algumas fotos ao Christian, mas eu não sei do que se trata. De repente, ele liberou o guindaste e o carro caiu na água.
- Jesus! – Flynn esfrega o queixo.
- Na mesma hora, o Christian pulou na água para me salvar. Conforme o carro ia afundando, ele lutava para me soltar. Eu pedi que ele saísse dali, pois eu sabia que íamos os dois morrer afogados, mas ele se recusou. Enfim, ele acabou soltando as cordas e me tirando de dentro do carro. Eu nadei com todas as minhas forças, mas eu já estava sem ar. Quando eu achei que fosse morrer, o Elliot apareceu do nada e me tirou da água.
- Ainda bem que ele chegou na hora.
- Assim que ele me tirou da água, eu olhei em volta e percebi que o Christian ainda não tinha saído. Eu gritei para o Elliot e ele voltou pra água, atrás do irmão. Eu juro, John, o tempo nunca passou tão devagar.

Então o Elliot voltou com o Christian. Ele estava desacordado, não estava respirando, seus lábios já estavam azuis. Eu achei que ele estivesse morto. O Elliot fez a ressuscitação e, depois de algumas tentativas, finalmente ele voltou.

- Em que você está pensando, Ana?

- Por favor, John, me diga que estou louca! Mas o Christian é um homem forte e extremamente atlético. Ele é um exímio nadador. Então, por favor, por favor, me diga que ele não se deixou afogar de propósito? Me diga que o meu marido não tentou se matar?

- Suponhamos que você esteja certa, o que você acha o motivou a isso?

- Eu não sei, John! Eu não sei. Oh, Deus, o que nós vamos fazer?

- Calma, Ana! Eu disse "suponhamos". Nós não podemos tirar conclusões e nem afirmar que o Christian se afogou de propósito, sem antes conversarmos com ele. Onde ele está, a propósito?

- Tem isso também, ele pediu que o Elliot me levasse ao hospital e foi atrás do Linc, junto com o Taylor. E até agora, nada.

- Por que você não tenta ligar para ele? Aqui, use o meu telefone. – diz Flynn, entregando o celular para Ana. Rapidamente ela pega o aparelho e disca para o marido.

- *Grey!* – ele atende, ríspido, no segundo toque.

- Christian, sou eu, Ana.

- *Ana, o que está fazendo com o telefone do Flynn?*

- Eu queria falar com você e ele me emprestou o telefone.

- *Entendo. Como você está? Ainda está no hospital?*

- Não, são quase onze da noite, Christian. Eu já estou na casa dos meus pais.

- *Acho que perdi a hora.*

- Onde você está?

- *Eu estou na delegacia. Eu estou bem, Taylor está aqui também, não se preocupe.*

- É claro que eu me preocupo. Por favor, baby, venha pra casa.

- *Ana, eu não posso voltar pra casa agora, ainda tem algumas coisas que preciso fazer.*

- Isso pode esperar até amanhã.

- *Não, não pode! O Linc fugiu Ana, eu não posso deixá-lo a solta.*

- Christian, por favor, deixe isso com a polícia.

- *Escute, eu preciso ir.*

- Não, baby, por favor.

- *Eu volto logo, eu prometo.*

- Eu te amo.

- *Eu também te amo.* – ele diz, e encerra a ligação. Ana sente o marido distante e fica desolada.

- Como foi? – pergunta Flynn.

- Ele está distante. – diz ela, triste.

- Ana, precisamos ter em mente que, apesar de toda evolução e maturidade que o casamento e a paternidade trouxeram, o Christian ainda tem problemas com controle e poder. Nesses últimos dois dias, ele se viu preso em uma situação aonde ele não tinha controle nenhum do que ia acontecer. Existem uma série de fatores que estão mexendo com o psicológico dele. Você vai precisar de muita paciência e amor para conseguir lidar com ele nos próximos dias.

- Eu sei.

- E quanto ao afogamento, nós conversaremos quando ele estiver preparado para tocar no assunto. Não se preocupe, nós estamos aqui para ajudá-lo.

- Obrigada, John!

As horas se passam e nada de Christian voltar. Mesmo preocupada, Anastasia tenta relaxar, pois sabe que ele está na companhia de Taylor. Aos poucos, Ana vai se rendendo ao cansaço. Após um lanche leve preparado por Carla, e de um banho reconfortante, Ana e Ella se recolhem. Deitada com a filha na cama, Ana coloca a neném para dormir e acaba pegando no sono logo em seguida.

Ana acorda de sobressalto, ao sentir alguém se aproximar.

- Me desculpe, eu não quis acordá-la. – diz Christian, sentando-se na cama.

- Não, tudo bem. – ela esfrega os olhos, sonolenta. – Que horas são?

- Duas e meia da manhã. Volte a dormir. Eu só vim ver como você estava.

- Eu estou bem. Você vai sair de novo?

- Sim, as buscas pelo Linc ainda não acabaram.

- Eu tenho certeza que eles podem procurá-lo sem você.

- Eu preciso ajudar.

- Por que?

- Porque sim.

- Christian.

- Baby, eu não vim discutir. Eu só vim para ver como você está. Eu volto depois. – ele diz, se levantando da cama e seguindo para a porta. Rapidamente, Ana salta da cama e corre para a porta, bloqueando.

- Christian, espere.

- Ana, por favor, me deixe ir.

- Não, nós precisamos conversar.

- Seja lá o que for, pode esperar.

- Não, não pode. Christian, por que você está fazendo isso? Por que você está assim tão distante?

- Eu não estou fazendo nada. E eu não estou distante, eu estou aqui na sua frente.

- Você sabe o que eu quero dizer. Christian, eu estive longe por dois dias.

- Você acha que eu não sei disso? Anastasia, eu vivi no inferno por dois dias.

- É, e a primeira coisa que você faz, quando nos encontramos é me dispensar.

- Eu não te dispensei. Você precisava de cuidados médicos, então eu pedi que o meu irmão te levasse ao hospital.

- Você também precisava.

- Eu já sou grandinho, Anastasia.

- Por que você não foi comigo?

- Porque eu precisava encontrar o Linc.

- O Linc já tinha fugido, Christian. Ele não ia correr o risco de ficar lá e ser preso.

- Eu precisava arriscar. Ana, por favor, me deixe ir.

- Não! Eu não vou deixar você me afastar.

- Por Deus, eu não estou te afastando!

- Christian, você não come e não dorme há dois dias. Você mesmo disse que viveu no inferno e eu acredito nisso. Você precisou reconhecer um corpo, que a polícia achou que fosse meu. – ela diz e ele paralisa. – Você me viu afundar na baía dentro de um carro, você pulou na água para me salvar. Você quase morreu para me salvar.

- Aonde você quer chegar?

- Você fez isso tudo para me ter de volta. E agora eu estou aqui e você mal me olha nos olhos. Você não me beijou, você mal me abraçou.

- Você quer que eu te beije, é isso?

- Não, eu quero saber o que aconteceu? O que o Linc fez com você? – Christian sente o corpo tremer.

- Ele não fez nada comigo.

- Eu te conheço, Christian. Mais do que a mim mesma. Eu sei que você está ferido. Eu sei que o Linc destruiu alguma coisa aí dentro. – ela diz, colocando a mão sobre o peito do marido. - Mas eu também sei que nós dois somos mais fortes que isso. E seja lá o que aquele monstro tenha feito, nós vamos superar. E saiba de uma coisa, Sr. Grey, se afastar de mim não vai adiantar. Pois aonde você for, eu irei atrás. Estar longe de você não é uma opção. – ela acaricia o rosto dele. Ele a puxa para um abraço.

- Me desculpe. – ele sussurra em seu ouvido.

- Nós vamos ficar bem, baby. Eu prometo.

- Eu quero acreditar em você. Eu preciso acreditar. – Christian a aperta ainda mais contra o corpo.

- Venha, vamos dormir um pouco. Você precisa descansar. – Ana o conduz para a cama, e abraçados, os dois pegam no sono.

Já é manhã, quando Ana desperta. Ela se vira para buscar Christian ao seu lado, mas a cama está vazia. Assustada, Ana salta da cama e corre para a sala.

- Vocês viram o Christian? – ela pergunta à família reunida.

- Não, eu não o vejo desde ontem. – diz Elliot.

- Eu nem sabia que ele tinha voltado pra casa. – diz Carrick.

- Ele voltou de madrugada. Eu consegui fazer com que ele dormisse um pouco, mas agora, quando acordei, ele não estava mais. – diz Ana, aflita.

- Querida, está tudo bem? – pergunta Grace. Ana e Flynn trocam olhares.

- Sim, eu só estou um pouco preocupada com a privação de sono dele.

- O segurança dele também não está aí, por que você não liga para saber onde eles estão? – sugere Ray.

- Eu farei isso! Vocês podem olhar a Ella?

- Claro! – respondem todos, quase ao mesmo tempo. Ana sai da casa e encontra Sawyer. Ele se levanta assim que vê a jovem.

- Bom dia, Sra. Grey!

- Bom dia, Luke! Você sabe onde o Christian está?

- Sim. O Sr. Grey tinha um compromisso e o Taylor foi acompanhá-lo.

- Você pode me levar até ele?

- A senhora tem certeza? – Ana estranha a pergunta.

- Absoluta.

- Tudo bem! Vamos? – ele diz, abrindo a porta do carro. Ana entra, sem hesitar.

Ana sente uma tristeza profunda ao passar pelos portões do Cemitério River View. Sawyer dá mais algumas voltas, até estacionar ao lado de Taylor, que se apressa em abrir a porta para Ana saltar.

- Sra. Grey.

- Onde ele está, Taylor? – ela pergunta. Taylor, então, indica com a cabeça.

Ana segue por entre as lápides, até encontrar Christian em pé, observando um enterro que acontece há alguns metros à frente. Ana se aproxima devagar.

- O que está fazendo aqui? – pergunta Christian, sem nem se virar para trás.

- Eu acordei e você não estava na cama. – diz Ana, caminhando até parar ao lado do marido.

- Me desculpe, mas eu precisava estar aqui. – ele diz, sem desviar o olhar da cerimônia que acontece mais a frente.

- Por quê?

- Está vendo aquele homem ao lado do caixão? – ele pergunta, apontando para o rapaz que chora, inconsolável, debruçado sobre o caixão.

- Sim.

- Poderia ser eu. – ele diz, e Ana pode ver uma lágrima rolar pelo rosto de Christian.

- Quem é ele?

- Eu não sei. Eu só sei que ele está enterrando a esposa dele, para eu não ter que enterrar a minha. – diz Christian, com a voz embargada. Ana o abraça.

- Eu sinto muito.

- Eu te amo, Ana! Eu te amo demais. – Christian beija o topo da cabeça de Ana.

- Eu também te amo.

- Vamos pra casa. – Christian dá uma última olhada para o homem que se despede da esposa e promete para si mesmo que Linc pagará por isso, custe o que custar.

Abraçados, Ana e Christian vão embora, prontos para voltar para Seattle e tentar esquecer esse pesadelo.